



**“Serápis – divindade política de Alexandria:
Helenismo e Legitimação do Poder Ptolomaico e Romano no Egito à luz da
Religião”**

Luís Eduardo Lobianco¹

Departamento de História/UFRRJ

<http://lattes.cnpq.br/8083002676888172>

Resumo:

Historiadores da Antiguidade geralmente consideram que o deus Serápis foi criado por Πτολεμαῖος Σωτήρ - *Ptolemaĩos Sōtér* - Ptolomeu I Sōtér - o Salvador, o primeiro rei da dinastia ptolomaica, a qual governou o Egito de 323 até 30 a.C. Considerado uma divindade especialmente de Alexandria, o objetivo deste deus foi inicialmente legitimar o poder ptolomaico e posteriormente o romano sobre o Egito. À exceção do κάλαθος - *kálathos* - uma cesta grega de frutas, também usada como medida agrária, símbolo de fertilidade - sobre sua cabeça, a iconografia de Serápis é muito próxima a do deus grego Zeus. Todos estes aspectos nos mostram a força da cultura e da religião gregas no Egito durante os períodos helenístico e romano de sua história. A partir de fontes iconográficas numismáticas, este artigo objetiva demonstrar o uso da legitimação de Serápis tanto aos governantes helenísticos quanto aos romanos do Egito, especificamente no que concerne ao imperador romano Adriano (117 – 138 d.C.).

Palavras-chaves: Egito Helenístico e Romano – deus Serápis – Iconografia Numismática – Religião e Legitimação de Poder – Divindade Política.

¹ Professor Adjunto II de História Antiga do DHIST – Departamento de História do ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - *campus* Seropédica - e membro fundador e atual pesquisador do PLURALITAS – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Históricos / CNPq – UFRRJ.

Abstract:

Ancient Historians usually regard the god Serapis was created by Πτολεμαῖος Σωτήρ - *Ptolemaĩos Sōtér* - Ptolemy I Soter - the Saviour, the first king of the Ptolemaic Dynasty that ruled Egypt from 323 to 30 BC. Considered a deity especially from Alexandria, the god's aim was to legitimise firstly Ptolemaic and later Roman power over Egypt. Except for the κάλαθος - *kálathos* - a Greek fruit basket, as well as used for agrarian measure, symbol of fertility - on his head, Serapis' iconography is very close to that of the Greek god Zeus. All these aspects show us the strength of Greek culture and religion in Egypt during the Hellenistic and Roman periods of its history. Using numismatic iconographical sources, this paper aims to demonstrate the use of Serapis' to legitimise both Hellenistic and Roman rulers of Egypt, specifically concerning Roman Emperor Hadrian (117 – 138 AD).

Keywords: Hellenistic and Roman Egypt – god Serapis – Numismatic Iconography – Religion and Power Legitimacy – Politics Deity.

Introdução:

O presente artigo tem por objetivo analisar uma divindade que foi a máxima expressão político religiosa da cidade de Alexandria, embora também de todo o Egito, durante os períodos helenístico e romano de sua história – 323 a 30 a.C. e desta data até o ano 395 d.C., respectivamente; deus este o qual, segundo nos informa a historiografia, foi uma criação dos primeiros reis Ptolomeus – I ou II, contudo mais provavelmente obra de Πτολεμαῖος Σωτήρ - *Ptolemaĩos Sōtēr* - Ptolomeu I Sotér - o Salvador, com o intuito de legitimar o poder de sua dinastia, o mesmo fazendo, posteriormente, os imperadores romanos.

Apesar da supracitada função central de Serápis, sua representação imagética revela-nos duas outras significativas características deste deus: a) seu elo com a fertilidade e a abundância da produção agrícola do Egito, considerando-se a presença do κάλαθος - *kálathos*², bem como sua ligação com a deusa helênica Δημήτηρ - *Dēmē'tēr*³; b) seu aspecto ctônico – portanto ligado ao mundo subterrâneo -, tendo em vista sua associação com Cérbero⁴ assim como com Hades⁵, e c) sua semelhança com Zeus. Todas estas características emergirão quando da apresentação e análise das fontes iconográficas numismáticas que formam o *corpus* deste artigo, na realidade as imagens encontradas nos reversos de moedas da dinastia romana dos Antoninos⁶, acervo consultado e estudado pela numismata egípcia Soheir Bakhoun, cuja obra logo adiante citada nos fornece as imagens e descrições acima referidas.

À vista do acima exposto, embora a principal função de Serápis tenha sido política, não se pode desvinculá-lo, ainda que secundariamente, de aspectos econômicos e naturalmente culturais que o envolveram. Sendo uma divindade centrada em Alexandria, lá não apenas havia um célebre santuário dedicado a este deus, o *Serápeion*, bem como exatamente pelo âmagu desta cidade ser o

² Cesto grego que continha frutas, também usado como medida agrária, portanto era um símbolo de fertilidade no mundo helênico.

³ “Mãe da terra”: deusa grega da agricultura, especificamente do cultivo de cereais, sobretudo o trigo.

⁴ De acordo com a mitologia grega, Cérbero (Κέρβερος - *Kérberos*) era um cão de aparência monstruosa, portador de várias cabeças e cobras, as quais lhe rodeavam o pescoço. Cérbero era o guardião da entrada do Hades - o reino subterrâneo dos mortos -, e embora permitisse a entrada destes, não deixava que de lá saíssem e despedaçava quaisquer mortais que tentassem lá penetrar.

⁵ Deus grego do mundo inferior, associado à divindade romana Plutão.

⁶ Dinastia de imperadores romanos que sucedeu a dos Flávios e antecedeu a dos Severos, iniciando-se a partir do reinado de Nerva (96 – 98 d.C.) e sobretudo de Trajano (98 d.C.) e encerrando-se no de Comodo (192 d.C.), por esta razão o século II de nossa era é conhecido por “século dos Antoninos”. A historiografia diverge entre ter havido uma “dinastia Nerva-Trajana” ou ao menos já considerar-se Trajano o primeiro dos imperadores Antoninos.

helenismo, a iconografia de Serápis é um caso excepcional, a meu juízo, de escasso hibridismo cultural, uma vez que a mesma é quase que exclusivamente composta por elementos helênicos, salvo quando há associações entre este deus e outros do Egito, mas o espaço de que aqui disponho, não me permitirá tecer comentários quanto a este último ponto. Meu objetivo neste trabalho é focar a iconografia e as funções mais específicas de Serápis, portanto passo, doravante, a fazê-lo, chegando na segunda parte deste artigo a descrever e analisar a documentação supracitada – iconografia numismática de Serápis, presentes nos reversos de moedas cunhadas na oficina de Alexandria no século II d.C.

O deus Serápis:

Em sua obra *"Deuses Egípcios em Alexandria sob os Antoninos: Pesquisas Numismáticas e Históricas"*, a numismata egípcia, nascida precisamente em Alexandria, Soheir Bakhoun, assim nos relata quem é esta divindade e como ela surgiu no Egito helenístico (Bakhoun, 1999: 31):

"Serápis, o deus alexandrino criado sob o reino dos primeiros Ptolomeus, é verdadeiramente uma divindade política. É a primeira divindade instaurada no Egito na época ptolomaica [...]."
7

A partir da definição acima transcrita podemos destacar – não por acaso o fiz em negrito -, dois aspectos que já nos chamam a atenção: a) Serápis, um deus de Alexandria por excelência foi uma criação dos primeiros reis da dinastia Ptolomaica⁸ e b) tratava-se de uma divindade com fins políticos, tanto assim é, que os imperadores romanos lançaram mão do mesmo objetivo dos seus antecessores: a legitimação de seu poder junto ao tecido social politeísta egípcio, através do deus Serápis.

É necessário que atentemos para mais um fato, a partir da citação supratranscrita. Observemos que Soheir Bakhoun nos relata que Serápis foi "[...] **criado sob o reino dos primeiros Ptolomeus** [...].” Ora, tal afirmação não nos permite estabelecer quem dentre os “primeiros” reis desta dinastia helenística do Egito foi o criador desta divindade. A ausência de exatidão na afirmação desta numismata faz sentido, uma vez que a historiografia não é unânime quanto ao “criador” de Serápis. No entanto, podemos obter maior precisão histórica, se

⁷ Livre tradução minha do original francês e negritos de destaque meus.

⁸ Dinastia dos reis helenísticos Ptolomeus ou Lágidas, que governaram o Egito de 323 a 30 a.C., cristalizando ali a cultura grega, a qual entrou em nítido contato e de certo modo até mesclou-se com o milenar substrato cultural faraônico.

considerarmos os ensinamentos de Françoise Dunand, autora do Livro II – “O Egito Ptolomaico e Romano” da obra escrita conjuntamente com Christiane Zivie-Coche intitulada “Deuses e Homens no Egito 3000 a.C. – 395 d.C.: Antropologia religiosa”. Ali, Dunand nos apresenta o seguinte título: “Um deus novo: a “criação” de Serápis”, e nos aponta que tanto Ptolomeu I quanto Ptolomeu II poderiam ter sido os monarcas responsáveis pela “criação” de Serápis. Informa-nos esta autora (Dunand, 1991: 214 – 215):

*“Se **os Lágidas**⁹, desde sua instalação no Egito, dirigem uma política religiosa muito “liberal”, no que concerne à religião tradicional¹⁰, eles não estão menos ligados à origem de uma criação em matéria religiosa, cujo efeito talvez não tenha sido considerado de início, mas que em seguida tornou-se muito importante, no Egito e fora do Egito: **o culto de Serápis**.*

Esta criação parece ter sido desde cedo envolta por lendas. A mais difundida e a mais coerente é aquela que relata um sonho de Ptolomeu I Sôtér**¹¹ (conto na obra de Plutarco¹² – De Iside et Osiride¹³ [...]) no qual lhe teria aparecido a “estátua colossal” de um deus residente em Sinope, colônia grega do Mar Negro; este deus “que ele nunca havia visto antes”, lhe teria ordenado transportar sua imagem para Alexandria. Uma vez ali chegando, a estátua teria sido reconhecida pelos conselheiros de Ptolomeu, [...], como sendo uma imagem de Plutão (**Hades**)¹⁴, o **deus grego dos Infernos**¹⁵; a partir deste momento, ter-se-ia denominado-o Serápis, “que é o nome de Plutão entre os egípcios”. **Outros relatos diversos deste de Plutarco por alguns detalhes (o rei teria sido Ptolomeu II; [...]. [...]) esta narrativa levanta uma série de problemas.

*O primeiro é de ordem cronológica. **A introdução de Serápis em Alexandria é atribuída aos Lágidas (Ptolomeu I ou Ptolomeu II), ou o deus já existia anteriormente?** [...].*

O nome do deus provocou longos debates; desde a Antiguidade, as mais diversas etimologias propuseram-se a explicá-lo. É certo contudo que este nome é de origem egípcia; Plutarco,

⁹ A dinastia helenística dos Lágidas, que reinou sobre o Egito de 323 a 30 a.C. também é conhecida por Ptolomaica, portanto Lágidas e Ptolomeus são termos sinônimos, o primeiro ligado a Lagos, pai do fundador desta dinastia e o segundo ao próprio rei que a iniciou: Ptolomeu I Sôtér – o Salvador.

¹⁰ Faraônica.

¹¹ Fundador desta dinastia helenística do Egito.

¹² Plutarco - Πλούταρχος - *Ploútarchos*, viveu de cerca do ano 46 ao 120 d.C. e é um reconhecido historiador, biógrafo e filósofo grego, principalmente por suas obras *Vidas Paralelas* e *Moralia*.

¹³ *De Iside et Osiride*, de autoria de Plutarco, e cuja tradução pode ser: “No que concerne a Ísis e Osíris” ainda é a melhor, embora não unânime, descrição do mito faraônico que envolve estas duas divindades, que eram irmãs e “marido e mulher”, acrescida do culto aos mortos.

¹⁴ Inserção minha. Ver próxima nota explicativa de rodapé.

¹⁵ Na realidade, embora vinculado ao mundo ctônico, *Plutão* era o similar romano a *Hades*, este sim o deus do mundo subterrâneo, segundo a mitologia grega.

perguntando-se sobre a natureza do deus, já escrevia que: "a maioria dos sacerdotes dizem que Osíris e Ápis foram mesclados em uma mesma entidade". De fato, Serápis aparece como a transcrição grega do nome egípcio Osor-Hapi que é aquele de uma divindade venerada em Memphis na Época Tardia¹⁶ e que não é outra que a do touro Ápis morto, que se tornou Osíris (nesta época, todo defunto era "osorificado"¹⁷).[...]."¹⁸

Apesar do longo texto supratranscrito, necessário por detalhar a origem de Serápis, resta tratar de uma última questão que tem extrema relevância para este artigo, sobretudo porque em última parte, antes da conclusão, analisarei quatro fontes iconográficas numismáticas de Serápis: a) bustos emparelhados de Ísis e do que Soheir Bakhoun descreve como sendo "Zeus – Serápis"; b) Serápis junto às deusas gregas Δημήτηρ – *Dēmē'tēr* e Νίκη – *Níkē* e o ser monstruoso ligado ao mundo ctônico grego: Κέρβερος – *Kérberos* Cérbero; c) Serápis revelando seu elo legitimador ao poder do imperador romano Adriano, que reinou de 117 a 138 d.C. e, por fim, d) o imperador Cômodo sacrificando a Serápis, demonstrando vínculo de poder político-religioso.

Prossigo com mais um excerto, abaixo transcrito, e igualmente de autoria desta mesma pesquisadora, trecho no qual ela tece comentários acerca da imagem de Serápis (Dunand, 1991: 215):

"O problema mais difícil a ser solucionado é entretanto aquele da imagem do deus. O deus que apareceu a Ptolomeu teria sido identificado como sendo o Plutão grego¹⁹ tendo em vista o fato da presença, a seu lado, de Cérbero (o cão dos Infernos²⁰, na mitologia grega) e de uma serpente; ele então devia ter a aparência de um velho barbudo, sentado, estando Cérbero a seus pés, de acordo com as representações gregas

¹⁶ A chamada *Época Tardia* é o último período da história faraônica tendo por recorte cronológico de fins do século VIII ou início do VII até final do século IV a.C. - data da conquista macedônica do Egito.

¹⁷ Neologismo atribuído ao deus Osíris. O morto na época faraônica e sobretudo o próprio Faraó eram considerados Osíris, o deus do Além, do mundo dos mortos.

¹⁸ Livre tradução minha do original francês e negritos de destaque meus.

¹⁹ Embora Dunand use a expressão "Plutão grego", na realidade Plutão era a divindade romana equivalente ao deus Hades, este sim grego, tal qual observaremos adiante, nesta mesma transcrição, altura na qual a autora já associa Plutão a Hades.

²⁰ Na realidade, buscando evitar anacronismos ou deslocamentos culturais, embora a autora utilize a palavra "inferno", considerando a mitologia e religião gregas, defendo ser mais adequado aqui empregar-se o termo "ctônico" ou "subterrâneo".

*tradicionais de Hades-Plutão²¹ (que posteriormente tornaram-se a imagem canônica do Serápis egípcio)."*²²

Ainda sobre a representação imagética de Serápis e esclarecendo sua associação a Hades, mas sobretudo a Zeus, complementa a mesma autora (Dunand, 1991: 215):

*"Ora, a imagem do deus Osor-Hapi de Mênfis, tal qual ela aparece nas estelas e baixos relevos, é aquela de um homem mumificado com cabeça de touro, portando entre seus chifres o disco solar sobreposto por duas plumas. Não se pode compreender como os conselheiros de Ptolomeu puderam "reconhecer" **a imagem do deus híbrido de Mênfis naquela de um ser puramente antropomórfico, de aspecto sem dúvida comparável aos deuses gregos clássicos, Zeus, Asclépio ou Hades.**"*²³

Como observa-se da transcrição acima, nos fragmentos por mim negritados, Françoise Dunand deixa claro que a iconografia de Serápis indubitavelmente não apenas nos revela um deus somente antropomórfico, como também absolutamente associado às imagens de divindades gregas como Hades, mas destaque, sobretudo, Zeus. E tal associação será constatada na análise da primeira fonte iconográfica apresentada neste artigo, reverso iconográfico de moeda que nos revela dois bustos lado a lado: a deusa faraônica Ísis e o deus Zeus-Serápis, assim descrito por Soheir Bakhoun.

O poder político-religioso ptolomaico e romano no Egito:

Como vimos no tópico anterior, embora Soheir Bakhoun nos informe que o deus alexandrino Serápis - uma "*divindade política*" foi uma criação atribuída aos "*primeiros Ptolomeus*", Françoise Dunand complementa e melhor especifica esta afirmação, apesar de sustentar que tal criação é lendária. Esta autora nos propõe três possíveis contextos históricos para o surgimento desta divindade: a) criação de Ptolomeu I Sôtér - através de um "sonho"; b) autoria de Ptolomeu II ou c) Serápis já existia antes do início do domínio lágida sobre o Egito.

Considerando o objetivo de legitimação de poder claramente presente em Serápis, defendendo que este deus tenha muito provavelmente sido uma criação do primeiro dos reis Ptolomeus. Tal função legitimadora foi posteriormente apropriada

²¹ Finalmente Françoise Dunand aqui faz a direta associação entre o deus grego Hades e seu similar romano, Plutão.

²² Livre tradução minha do original francês e negritos de destaque meus.

²³ Idem nota anterior.

pelos imperadores romanos a partir de seu domínio sobre o Egito, como se verá das duas últimas iconografias descritas e analisadas neste artigo.

Teriam reis Ptolomeus e imperadores romanos, entretanto, aplicado uma mesma relação de poder político-religioso no Egito? Uma vez que o *corpus* iconográfico aqui estudado limitar-se-á a imagens de moedas da dinastia dos Antoninos, julgo adequado tratar do que Geneviève Husson chamou de "O imperador – O culto imperial", na segunda parte intitulada: "O Egito Ptolomaico e Romano" da obra escrita em conjunto com Dominique Valbelle, cujo título é: "O Estado e as Instituições no Egito dos Primeiros Faraós aos Imperadores Romanos." No tópico supracitado acerca do imperador romano e do culto imperial, esclarece-nos Geneviève Husson (Husson, 1992: 203):

*"O culto dinástico ptolomaico teve seu prolongamento no culto imperial, entretanto com notáveis diferenças. Para os egípcios sem dúvida os imperadores eram assim como os Ptolomeus os sucessores dos faraós; uma dinastia de origem estrangeira não era uma novidade no Egito. [...]. Porém entre o culto ptolomaico e o culto imperial há divergências radicais, simultaneamente nas concepções e na organização estatal. **Sabe-se** primeiramente que **quase todos os imperadores dos dois primeiros séculos somente aceitaram com reserva as honras prestadas à sua pessoa na qualidade de autoridade divina** [...]."*²⁴

Considerando que Geneviève Husson nos informa que a imensa maioria dos soberanos romanos dos séculos I e II d.C. somente aceitaram, com muito cuidado, honras que lhes eram concedidas como autoridades divinas, isto significa que, assim como ocorria em Roma, no Egito o imperador também não era um deus, tal qual fora o Faraó, mas, no máximo, uma pessoa divinizada. E se os imperadores não eram deuses, necessitaram de um, sobretudo local, para legitimar seu poder tanto político quanto religioso no Egito: *Serápis*. E é precisamente este necessário elo entre tal deus e os imperadores Antoninos, no caso deste artigo, Adriano e Cômodo, que será analisado nas duas últimas imagens de reversos de moedas do *corpus* iconográfico numismático que compõe este artigo.

Alexandre da Macedônia e o Helenismo no Oriente Próximo:

Em sua campanha bélica objetivando derrotar o Império Persa da dinastia dos Aquemênidas (séculos VI a IV a.C.), Alexandre, cognominado Magno,

²⁴ Novamente livre tradução minha do original francês e negritos de destaque meus.

originalmente em grego Μέγας Ἀλέξανδρος - *Mégas Aléxandros* invadiu e conquistou a então satrapia persa do Egito em 332 a.C. e no ano seguinte fundou, no extremo ocidente do Delta do Nilo e às margens do Mediterrâneo, uma das várias cidades que receberam seu nome: Alexandria, sendo que esta, localizada no Egito²⁵, tornou-se a principal delas.

Na esteira de sua prematura morte (323 a.C.), naquele mesmo ano e com a divisão do seu vasto império, Πτολεμαῖος Σωτήρ - *Ptolemaĩos Sōtēr* - Ptolomeu I Sōtēr – o Salvador, cognome grandioso que os reis helenísticos tinham por hábito anexar a seus nomes, não apenas tornou-se o governante da ex-satrapia persa do Egito e em 306 a.C. proclamado rei, com ele iniciou-se a dinastia Ptolomaica que ali reinou até o suicídio de sua última rainha – Κλεοπάτρα Θέα Φιλοπάτωρ – *Kleopátra Théa Philopátōr* – cujo nome significa “a deusa Cleópatra, amada por seu pai”. Trata-se de Cleópatra VII (Alexandria 69 a 30 a.C.). O duplo suicídio desta monarca e de seu amante e pai de três de seus filhos, o líder romano do 2º triunvirato de fins da República – Marco Antônio, marcou a definitiva anexação do Egito ao território romano, ação feita por Otávio, três anos depois cognominado Augusto – o Reverenciado – e que foi o primeiro *Princeps* ou *Imperator*²⁶ de Roma, a partir de 27 a.C.

Embora a grande migração de gregos, rumo ao Egito, sobretudo à Alexandria, tenha ocorrida a partir de fins do século IV a.C., lembra-nos a Professora Maria Beatriz Florenzano (Florenzano, 2009: 28 – 29), que ao menos desde o período arcaico da história da Grécia (séculos VIII a VI a.C.), no contexto histórico do processo de colonização grega por todo o Mediterrâneo e costa sul do Mar Negro, dois tipos de colônias helênicas ali se estabeleceram, objetivando não apenas suprir a carência agrícola, sobretudo de trigo, bem como de metais da Hélade²⁷ e também com o intuito de desafogar a grande densidade demográfica nesta região, a qual por ser dotada de terras pouco férteis, não dava vazão ao suprimento alimentar dos gregos. Uma destas colônias, de assentamento agrícola,

²⁵ Segundo os ensinamentos do Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso, a expressão mais exata para que nos refiramos à Alexandria, não é “do Egito”, mas sim “junto ao Egito”, posto que este historiador e egiptólogo sustenta que Alexandria era um enclave helenístico junto a um país ainda dominado pela milenar cultura faraônica, a qual se preservou, embora com modificações influenciadas sobretudo pelo helenismo, até o período romano da história egípcia (séculos I a.C. a IV d.C.).

²⁶ Príncipe ou Imperador.

²⁷ O mundo políade (das πόλεις – *póleis* – *Cidades-Estados*) grego à volta do Mar Egeu.

foi a ἀποικία – *apoikía* e a outra, esta nos interessa para o caso egípcio, foi o ἐμπόριον – *empóron*, um entreposto comercial.

Como nos relata mais especificamente a Professora Florenzano (Florenzano, 2009: 29): “O *emporion* mais bem documentado nos dias de hoje é Naucratis, fundado em fins do séc. VII, no delta do Nilo.” Embora não se tratando de um assentamento permanente – fixação de colonos - helênico no Egito, o contato dos gregos com os egípcios e de suas culturas data, pelo menos, de 300 anos antes da conquista alexandrina do Egito e foi a partir desta, que a interação sociocultural supracitada ali se intensificou.

Iniciada por Alexandre e consolidada ao longo do reino Ptolomaico, levando a presença da cultura helênica junto à ainda sólida cultura faraônica, a qual, a partir de então, sofreu alterações, entretanto preservou-se com significativa solidez, até fins do período romano da história egípcia, tal qual nos informam as fontes sobretudo iconográficas, especialmente as funerárias. E considerando-se a forte presença da cultura grega nas iconografias numismáticas analisadas neste artigo, julgo relevante conceituar o que vem a ser *helenismo*, o qual se manteve atuante não apenas durante o reino Ptolomaico, mas também no Egito Romano, recorte espacial e cronológico de onde é proveniente o *corpus* imagético aqui estudado.

Em seu livro intitulado *O Judaísmo Tardio – História Política*, André Paul nos apresenta um panorama dos últimos séculos da história da Judeia na Antiguidade: da conquista de Alexandre da Macedônia (332 a.C.), passando pela Insurreição dos Macabeus e do reino independente judaico da dinastia dos Asmoneus (respectivamente de 167 a 164 a.C. e 164 a 37 a.C.), data na qual Herodes Magno, com o auxílio das tropas romanas conseguiu conquistar Jerusalém, avançando pelo reinado deste soberano e narrando, por fim, as duas revoltas judaicas contra o Império Romano (66 a 73 d.C. e 132 a 135 d.C., respectivamente). No decorrer da primeira delas, um trágico episódio para os judeus, marcou sua história – o incêndio do 2º Templo de Jerusalém -, ordenado por Tito, filho do então imperador Vespasiano e seu sucessor no trono de Roma, e ao final da segunda, também conhecida por Revolta de Bar Kochba, seu líder, os romanos expulsaram em escala ainda maior os judeus de Jerusalém e de toda a Judeia, acelerando severamente a grande Diáspora (dispersão) judaica, iniciada desde o Exílio da Babilônia (século VI a. C.).

Tendo em vista a instalação do helenismo em todo o Oriente Próximo – tanto no Egito quanto na Judeia e demais regiões - sobretudo a partir das conquistas de Alexandre da Macedônia, André Paul nos apresenta em sua obra

supracitada a definição de *Helenismo*, cunhada por Droysen no século XIX. É motivo de reflexão o fato de ainda ser possível – ou não – o uso de conceito tão remoto, entretanto, a meu ver, em razoável medida ele ainda pode ser aplicado, como se verá da transcrição que se segue (Paul, 1983: 93):

Mas foi Droysen que, no decorrer do século XIX, deu a "helenismo" um conceito histórico de contornos precisos e estendeu seu campo ao período que vai da derrota do império persa dos Aquemênidas, por Alexandre Magno (331 a.C.), até o fim do reino dos Ptolomeus, marcado pela batalha de Áccio (31 a.C.). Este período particular da história da antiguidade se caracterizava também aos seus olhos pelo encontro e até pela mistura de elementos culturais gregos e orientais [...].²⁸

Outro processo similar, a romanização, também se espalhou por todas as províncias do império, inclusive atingindo o Egito. No caso do *corpus* iconográfico numismático analisado neste artigo, entretanto, salvo os anversos de cada uma das quatro moedas apresentadas: seus reversos, que são o lado cujas imagens de fato interessam-nos neste estudo, ali a meu juízo pouco há quanto às culturas romana e faraônica. As exceções, que aqui devem desde logo ser mencionadas são: a) na primeira iconografia, no reverso da moeda ver-se-á emparelhados os bustos de Zeus-Serápis e da deusa faraônica Ísis; b) na última imagem, igualmente no reverso da moeda, o imperador Cômodo é representado em trajes sacerdotais faraônicos e, por fim, e isto é relevante, a presença dos imperadores Adriano laureado e togado (no reverso da moeda da terceira iconografia) e Cômodo (no reverso da quarta), tal qual já acima mencionado. Nos anversos das moedas – imagens aqui não analisadas – ali sim há bustos romanizados dos imperadores.

Julguei relevante apresentar o conceito de *helenismo* embora o que se observará do *corpus* iconográfico numismático a seguir apresentado, descrito e analisado, refiro-me especificamente às imagens dos reversos das moedas, nos quais prepondera, majoritariamente, a presença de elementos culturais gregos, portanto pouco há – embora exista como supracitado – da referida “[...] *mistura de elementos culturais gregos e orientais [...]*”, tal qual descrita por Droysen. O que se detecta é a significativa presença de componentes da cultura helênica – divindades, seres mitológicos, arquitetura, indumentária, objetos agrários, etc.

As Fontes:

Serápis na Iconografia Numismática da Alexandria Antonina:

²⁸ Negritos de destaque meus.

O *corpus* iconográfico que compõe o presente artigo é formado por quatro imagens de moedas, todas cunhadas na oficina de Alexandria, durante a dinastia dos imperadores Antoninos. Considero importante aqui descrevê-las e analisá-las, posto que cada uma delas nos apresenta as características de Serápis citadas na Introdução supra, a saber: sua semelhança com Zeus, sua ligação com a fartura agrícola egípcia, seu elo com o mundo ctônico e, por fim, e de todas estas, a mais importante função de Serápis, para a qual foi criado: a legitimação do poder, no caso das fontes aqui estudadas, de dois dentre os imperadores Antoninos: Adriano e Cômodo, cujos reinados estenderam-se de 117 a 138 d.C. e de 180 a 192 d.C., respectivamente.

Seguem abaixo cada uma destas iconografias numismáticas, as quais apresentarei e descreverei, porém sobretudo tecerei comentários analíticos, contudo somente no que concerne aos respectivos reversos das imagens de cada uma das quatro moedas, posto que é ali – na parte traseira de cada uma delas – que se encontram a representação imagética de *Serápis*, sob dois modos: a) *acompanhado de outras deusas*: a faraônica *Ísis* ou as gregas Δημήτηρ - *Dēmē'tēr* e Νίκη - *Níkē* e também de Κέρβερος - *Kérberos* - *Cérbero*, o qual embora não seja uma divindade, está associado ao mundo subterrâneo do deus *Hades* e, b) as duas mais significativas de todas: *Serápis com os Imperadores Adriano e Cômodo*.

Todas as imagens monetárias abaixo, bem como suas respectivas descrições, sobretudo de seus reversos, foram extraídas da obra de Soheir Bakhoun²⁹ já supracitada, ao final da qual consta um catálogo de moedas cunhadas na oficina de Alexandria, que atualmente compõem o acervo do *Département des Monnaies, Médailles et Antiques* – *Departamento de Moedas, Medalhas e Objetos da Antiguidade*³⁰ da Biblioteca Nacional da França.

Iconografia Numismática nº 1:

Zeus-Serápis acompanhado da deusa faraônica Ísis (Bakhoun, 1999: 235):

Moeda do 5º ano do reinado de Antonino Pio (141-142 d.C.)

²⁹ BAKHOUM, Soheir. *Op. Cit.* já citada no início do tópico “O deus Serápis”. Ver item “Bibliografia” ao final deste artigo, para a referência completa desta obra.

³⁰ Livre tradução minha do original em francês.



Descrição (Bakhoum, 1999: 193):

"Anverso: Busto de Antonino.

Reverso: bustos emparelhados de **Zeus-Serápis** e de *Ísis* à direita. **Zeus-Serápis** penteado com o *kálathos* (sobre sua cabeça)³¹ [...]." ³²

Análise:

Observa-se, inicialmente, a direta associação entre *Serápis* e o deus grego *Zeus*, não apenas pela semelhança iconográfica entre ambos, mas pelo próprio nome composto, aqui atribuído ao deus alexandrino. A presença da faraônica deusa *Ísis* significa uma ligação, que reforça *Serápis*, ou especificamente neste caso *Zeus-Serápis* a uma das principais divindades egípcias – *Ísis* – buscando legitimar ainda mais este deus helenizado junto aos súditos politeístas de Roma originalmente nativos do Egito, portanto o significativo tecido social formado por egípcios, ainda vinculados às milenares mitologia e religião faraônicas, mesmo após três séculos de dominação helenística e já sob controle de Roma. Ainda que parcialmente helenizados, sobretudo em Alexandria, a cultura faraônica sobreviveu até, seguramente, o século VI d.C., quando o último templo desta mesma deusa *Ísis* foi fechado no Egito, por ordem do então imperador bizantino Justiniano.

Por que é *Ísis* quem se encontra ao lado de *Zeus-Serápis* nesta imagem? Seria unicamente para aproximá-lo do mundo faraônico e do ainda representativo contingente de atores sociais dele herdeiro? Não. *Ísis* tem forte papel na cultura faraônica. Segundo a narrativa mitológica da "*Lenda de Osíris*", cuja versão completa, embora helenizada, nos chegou através de Plutarco como já antes

³¹ Inserção minha.

³² Livre tradução minha, do original em francês, e negritos de destaque meus.

mentionado, informa-nos que esta deusa – segundo a teogonia heliopolitana³³ – era irmã e esposa do deus Osíris, o senhor do Além, do mundo dos mortos, sendo ambos pai do deus Hórus, o Jovem. Em geral o Faraó vivo era associado a Hórus e morto a Osíris, uma vez que o Faraó era considerado uma divindade. Não por acaso, portanto, *Zeus-Serápis* aqui está representado ao lado da irmã / esposa e mãe, respectivamente dos deuses Osíris e Hórus, os quais eram conectados ao poder faraônico – vivo (Hórus) e morto (Osíris). E, afinal de contas, a principal função de *Serápis* também não era a de legitimar o poder, mas em seu caso, dos soberanos ptolomaicos e romanos?

Destaca-se ainda nesta imagem, bem como em todas as quatro trazidas a este artigo, a presença do κάλαθος – *kálathos*, característico elemento da cultura grega vinculado à fertilidade, como já acima esclarecido. E por que o *kálathos* era um dos componentes iconográficos de Serápis? Porque era um símbolo de fartura e abundância e se esta divindade foi criada pelos primeiros reis Ptolomeus – mais provavelmente Ptolomeu I Sôtér – objetivando legitimar o poder de sua dinastia sobre o Egito, por que não se destacar a relevância das milenares fertilidade e fartura proporcionadas pelas inundações do Nilo, tal qual registrado na história da civilização faraônica? Assim este elemento ligado ao poder agrícola egípcio foi mantido na iconografia de Serápis também durante o domínio romano do Egito. Augusto, o primeiro *Princeps* ou Imperador, não por acaso já ao anexar esta nova província ao nascente Império, declarou-a território privado do Imperador, devido à sua importância econômica para Roma e afastou o máximo possível, do Egito, os Senadores romanos.

Iconografia Numismática nº 2:

Serápis, a deusas helênicas Δημήτηρ - Dēmē'tēr e Νίκη - Níkē e Κέρβερος - Kérberos - Cérebro (Bakhoun, 1999: 239):

Reverso de moeda (data ilegível) do reinado de Antonino Pio (138-161 d.C.)

³³ Três relatos mitológicos faraônicos são conhecidos, tratando da cosmogonia – criação do mundo – e da teogonia – nascimento dos deuses – no Egito: o de Memphis, o de Hermópolis e o de Heliópolis, três cidades egípcias.



Descrição (Bakhoun, 1999: 200):

"Anverso: Busto de Antonino.

Reverso: Serápis sentado em um trono de espaldar alto sobre o montante³⁴ do qual se encontra uma **Níkē**³⁵, à direita, apresentando uma coroa ao deus; **Serápis** penteado com o kálathos (sobre sua cabeça)³⁶ e vestido com o χιτών³⁷ – chitō'n e o πέπλος³⁸ – péplos, segurando na mão esquerda um longo cetro e estendendo a direita sobre **Cérbero** sentado a seus pés; diante do deus, **Dēmē'tēr** em pé de frente, cabeça virada para a direita (da imagem)³⁹, penteada com o kálathos (idem tal qual Serápis)⁴⁰, segurando na mão [...] esquerda espigas [...]."⁴¹

Análise:

A imagem contida no reverso desta moeda ora analisada é mais rica do que a anterior, no que tange à presença de divindades gregas e personagens de sua mitologia, constatação que nos revela a forte presença do helenismo na Alexandria Romana. Notemos que enquanto na primeira iconografia numismática, anteriormente analisada, pudemos observar a presença de uma deusa faraônica ao lado de Serápis, nesta identificamos junto a ele, em primeiro lugar, a deusa helênica dos cereais, sobretudo o trigo, e por extensão da agricultura, Δημήτηρ –

³⁴ Peça verticalmente colocada em objetos de carpintaria.

³⁵ Νίκη - Níkē: deusa helênica que personificava a vitória. Em Roma: deusa Vitória.

³⁶ Inserção minha.

³⁷ Indumentária grega, descrita na altura dos comentários analíticos desta imagem.

³⁸ Idem nota acima.

³⁹ Inserção minha.

⁴⁰ Idem nota acima.

⁴¹ Livre tradução minha, do original em francês, negritos de destaque meus e acréscimo de palavras helênicas em caracteres gregos também meu.

Dēmē'tēr, em seguida, embora em menor escala iconográfica, a deusa que personificava a vitória e assim conhecida em Roma, ou seja, Νίκη – *Níkē*, naturalmente não por acaso aqui coroando Serápis, portanto destacando a importância deste deus para o Egito, já nesta altura sob domínio romano e, por fim, o monstruoso ser mitológico grego, Κέρβερος – *Kérberos* – Cérbero, associado ao mundo ctônico do deus Hades, ser este já anteriormente descrito.

E por que *Dēmē'tēr*, *Níkē* e *Cérbero* estão nesta iconografia? Cada um tem sua função, todas atribuídas ao deus Serápis. No primeiro caso, sua associação à fertilidade e fartura agrícolas do Egito, por conseguinte conferindo legitimação a seu poder econômico; no segundo, a personificação da vitória coroando-o legitima seu poder religioso, aliás vale lembrar que ele está sentado em um trono e segura um cetro – símbolo de realeza - e, por fim quanto ao terceiro, detecta-se o aspecto ctônico também vinculado a Serápis.

Reforçando o helenismo presente nesta imagem, observamos que este deus traja duas peças de indumentária características da cultura grega: o *chitō'n* e o *péplos*. De acordo com o *Dicionário Intermediário Grego-Inglês* de Liddell e Scott⁴², editado pela Universidade de Oxford e cuja primeira publicação ocorreu em 1889, assim podemos definir estes dois trajes helênicos: o πέπλος – *péplos* (Liddell e Scott, 1997: 621) e o χιτών – *chitō'n* (Liddell e Scott, 1997: 889):

"ΠΕΠΛΟΣ, (*PÉPLOS*),⁴³ [...] qualquer tecido entrelaçado usado como cobertura, um lençol, [...], cortina, véu [...].⁴⁴ [...] **um manto**, trajado por mulheres sobre o vestido habitual, e caindo em dobras (pregueado)⁴⁵ sobre a pessoa, servindo (equivalendo)⁴⁶ ao ἱμάτιον (*himátion*)⁴⁷ masculino⁴⁸ [...]."⁴⁹
 "ΧΙΤΩΝ, (*CHITŌ'N*)⁵⁰ [...] a vestimenta trajada próxima à pele [...]. Lat.⁵¹ **tunica** [...]."⁵²

⁴² LIDDELL and SCOTT'S. *An Intermediate Greek-English Lexicon* – ver referência completa no item "Bibliografia" ao final deste artigo.

⁴³ Inserção minha da transliteração do título em letras maiúsculas deste verbete, de caracteres gregos para latinos.

⁴⁴ Em Eurípides.

⁴⁵ Inserção minha.

⁴⁶ Idem nota acima.

⁴⁷ Transliteração para o alfabeto latino, por mim inserida.

⁴⁸ Em Homero.

⁴⁹ Livre tradução minha do original em inglês, e negritos de destaque meus.

⁵⁰ Inserção minha da transliteração do título em letras maiúsculas deste verbete, de caracteres gregos para latinos.

⁵¹ Em latim.

⁵² Livre tradução minha do original em inglês, e negritos de destaque meus.

Iconografia Numismática nº 3:

Serápis legitimando o poder do Imperador Adriano

(Bakhoun, 1999: 231):

Moeda do 17º ano do reinado de Adriano (132-133 d.C.)



Descrição (Bakhoun, 1999: 184):

"Anverso: *Busto laureado de Adriano.*

Reverso: *Templo distilo⁵³ de ordem⁵⁴ coríntia cujo frontão triangular é ornamentado por um disco; entre as colunas, **Serápis** em pé de frente, cabeça voltada para a direita (da imagem)⁵⁵, penteado com o kálathos (novamente sobre a cabeça do deus)⁵⁶, **erguendo a mão direita** (em direção a Adriano)⁵⁷ e segurando na esquerda um cetro; de frente para ele, **o imperador** em pé de frente, cabeça virada para a esquerda (da imagem)⁵⁸, laureado e togado, segurando na **mão esquerda** um cetro e **estendendo a direita sobre uma estela** cuja fachada possui as letras *ADPIANON*⁵⁹ - *ADRIANON*⁶⁰ [...]."*⁶¹

Análise:

⁵³ Que tem duas colunas.

⁵⁴ Ornamento que distingue o estilo arquitetônico das colunas, neste caso do tipo com capitel helênico coríntio.

⁵⁵ Inserção minha.

⁵⁶ Idem nota anterior.

⁵⁷ Idem nota acima.

⁵⁸ Igual à nota anterior.

⁵⁹ Exatamente assim grafado, em caracteres gregos, na descrição original em língua francesa.

⁶⁰ Transliteração para caracteres latinos, por mim inserida no texto original.

⁶¹ Livre tradução minha do original em francês, e negritos de destaque meus.

Esta iconografia é extremamente representativa no que concerne à propaganda imperial junto aos súditos politeístas do Egito. Embora o termo “propaganda” possa parecer anacrônico quanto à Antiguidade, utilizo-o sem qualquer restrição, a partir das informações que nos são transmitidas na obra de Soheir Bakhoun, já aqui apresentada, dados a nós fornecidos tanto por esta numismata quanto por André Laronde, professor da Universidade de Paris IV – Sorbonne, no prefácio deste mesmo livro. Vejamos, portanto, o que nos dizem ambos os pesquisadores. Afirma Laronde (Bakhoun, 1999: 14):

*"Através da permanência dos cultos herdados do longo passado egípcio, Soheir Bakhoun soube inteligentemente extrair **o que era valorizado nos reversos das moedas imperiais alexandrinas** para revelar os temas da **propaganda imperial** e esclarecer com uma análise da **ideologia dos imperadores**."*⁶²

E acrescenta a própria autora desta obra, ao se referir ao que chamou de “tipos monetários” (Bakhoun, 1999: 27):

*"A oficina de Alexandria caracteriza-se por seu isolamento, o que permite uma completa independência de **ação e de pensamento ao imperador reinante**, o qual se **encontra livre para desenvolver uma intensa política de propaganda**. É deste modo que **o culto aos soberanos**, instaurado desde a mais alta Antiguidade, **torna-se uma verdadeira instituição**."*⁶³

Partindo, portanto, das duas transcrições supra, podemos afirmar com absoluta segurança que a imagem do reverso ora analisado é uma nítida “propaganda” promovida pelo Imperador Adriano, no momento em que o deus Serápis ali aparece com sua mão direita levantada em claro sinal de reverência (tal qual ocorria nas iconografias faraônicas) a este soberano romano. E não apenas reverência. Trata-se aqui da legitimação que o deus nativo alexandrino, por conseguinte egípcio, Serápis confere a Adriano, o qual assim como os reis Ptolomeus, lança mão desta divindade local para lhe dar suporte junto ao majoritário segmento étnico politeísta do Egito objetivando garantir a aceitação / legitimação de seu poder junto aos mesmos.

O gesto legitimador acima citado é o cerne desta iconografia. No entanto há mais dois pontos que merecem ser aqui destacados. O primeiro está representado pelo templo de duas colunas de capitéis coríntios e frontão triangular, logo uma

⁶² Idem nota anterior.

⁶³ Idem nota anterior.

típica arquitetura grega, dentro do qual se encontram o deus e o imperador. Este espaço sagrado seria, indubitavelmente, o célebre *Serapeion* – templo dedicado ao deus Serápis em Alexandria. O segundo refere-se à estela em cuja fachada se lê claramente o nome do imperador, não por acaso em grego, posto que a porção oriental do Império Romano era helenófono: ΑΔΡΙΑΝΟΝ – ADRIANON. Mas o que representa tal estela? Ela faz referência ao templo erigido em Alexandria, anexo ao *Serapeion*, obviamente pelo próprio Adriano, chamado de *Hadrianeion*.

Acrescentemos a estas duas edificações de características gregas, o fato de Serápis uma vez mais portar o *kálathos* sobre sua cabeça, portanto o símbolo da fertilidade e fartura egípcias vinculadas a esta divindade. Registro, por conseguinte, o fato de que não haver quaisquer elementos faraônicos na imagem aqui estudada, a qual é absolutamente helenística – ou romana – se considerarmos o fato do imperador estar laureado e togado.

Iconografia Numismática nº 4:

Serápis e o Imperador Cômodo (*dupla legitimação – política e religiosa*)

(Bakhoun, 1999: 241):

Moeda do 24º ano do reinado de Cômodo (183 -184 d.C.)



Descrição (Bakhoun, 1999: 206):

"Anverso: Cabeça laureada de **Cômodo** virada para a direita (da imagem) ⁶⁴.

⁶⁴ Inserção minha.

Reverso: O imperador sacrificando a Serápis; o imperador em pé de frente (para o busto de Serápis)⁶⁵, cabeça voltada para a esquerda (da imagem)⁶⁶, em traje sacerdotal (faraônico)⁶⁷ e tendo um penteado alto, derramando da mão direita incenso sobre um altar; de frente para ele, um busto de **Serápis** à esquerda (da imagem)⁶⁸, penteado com o kálathos (sempre sobre a cabeça do deus)⁶⁹ e posto sobre uma pequena coluna [...].”⁷⁰

Análise:

Esta última iconografia analisada, embora também nos revele, tal qual na imediatamente anterior, um nítido elo de legitimação entre Serápis e um imperador romano, desta feita o último da dinastia Antonina: Cômodo, há uma significativa diferença quanto à imagem entre este deus e Adriano. Notemos que aqui há apenas um busto de Serápis, o qual é cultuado pelo imperador, não apenas em ritual de queima de incenso, mas, por ele estar vestido como um sacerdote. E, neste caso, em oposição à iconografia anteriormente analisada, há sim, aqui, a presença de elementos culturais faraônicos, precisamente quanto às vestes religiosas trajadas por Cômodo. Se olharmos atentamente para o longo “saiote” ou “aventail” sobreposto à principal vestimenta que cobre o imperador, percebemos que este é plissado, tal qual o eram os dos sacerdotes faraônicos. Isto é bastante significativo, posto que detectamos uma maior aproximação, pretendida por Cômodo, aos tradicionais ritos faraônicos, afinal o imperador aqui surge trajado como um sacerdote egípcio.

Outro ponto relevante, talvez o principal, refere-se uma vez mais à “propaganda” imperial e à legitimação, uma vez mais junto ao amplo tecido social politeísta do Egito, as quais o soberano romano busca nesta imagem, lançando mão de Serápis. Se na iconografia anteriormente analisada, Adriano era nitidamente legitimado, posto que reverenciado por Serápis, aqui, ao menos a princípio, parece que estamos diante de atitude oposta: é Cômodo quem legitima esta divindade, realizando práticas rituais para ela. Entendo que, entretanto, no momento no qual o imperador surge sacrificando a este deus alexandrino, não apenas Cômodo legitima o poder religioso de Serápis, mas o movimento inverso aqui também se faz, ou seja, Serápis legitima o poder político de Cômodo, ainda que talvez

⁶⁵ Idem nota anterior.

⁶⁶ Idem nota acima.

⁶⁷ Novamente inserção minha.

⁶⁸ Idem nota acima.

⁶⁹ Idem nota anterior.

⁷⁰ Livre tradução minha, do original em francês, e negritos de destaque meus.

secundariamente na iconografia, uma vez que o deus está de algum modo vinculado ao Imperador e ainda que este esteja adorando aquele, esta iconografia também demonstra que o deus aceita tal gesto promovido pelo imperador, portanto legitimando seu poder político junto ao Egito.

Por fim, novamente o *kálathos* encontra-se sobre a cabeça de Serápis, a qual é a única parte visível da divindade nesta imagem. Haveria alguma intenção ao ser retratada apenas esta parte do deus e não todo o seu corpo? Defendo que sim, na medida em que se somente seu busto é aqui representado, foi conferido tamanho maior ao rosto da divindade e, segundo os estudos da arte faraônica – afinal o público alvo são sobretudo os nativos egípcios – quanto maior a imagem de uma divindade, maior é sua importância em representações iconográficas. Basta um rápido olhar sobre o reverso monetário aqui analisado e veremos que o busto de Serápis equivale à metade do corpo de Cômodo, sendo a cabeça do deus bem maior do que a do imperador, tudo isto exatamente para destacar a relevância da divindade aqui retratada.

Conclusão:

Meu objetivo central no presente artigo foi apresentar o helenístico deus Serápis: suas prováveis origens e, especificamente, sua principal atribuição: a validação do poder político, a partir da religião, dos reis Ptolomeus e, posteriormente disto se apropriando, os imperadores romanos, com o intuito de promoverem, como o *corpus* iconográfico numismático deste artigo revelou em sua análise, a legitimação de todos estes soberanos, especialmente no que concerne ao tecido social politeísta do Egito helenístico e romano, sobretudo este último, tendo em vista as imagens de moedas aqui estudadas.

É fato que, para além de egípcios de origem, gregos e romanos, todos politeístas, um quarto segmento étnico extremamente relevante também compunha a sociedade do Egito nos dois períodos supracitados de sua história pós-faraônica: os judeus, em especial de Alexandria. Contudo, tendo em vista as normas estabelecidas na Torá, especificamente no capítulo 20 de seu segundo Livro - o Shemót -, cujo equivalente grego, utilizado posteriormente pelos cristãos é chamado de Livro do Êxodo, sendo Torá em grego reconhecida pelo nome Pentateuco; no capítulo supracitado, encontra-se o Decálogo e as duas primeiras Leis ali estabelecidas pelo D's de Israel foram o monoteísmo e a proibição de confecção de imagens evitando-se a idolatria, tal qual era praticada no Egito Faraônico e em todas as sociedades do Antigo Oriente Próximo.

Sendo assim, tanto os reis Ptolomeus quanto os Imperadores Romanos seguramente tinham ciência de que suas respectivas “propagandas” realizadas por intermédio de iconografias e mais ainda, lançando mão de um deus helenizado – Serápis -, jamais surtiriam efeito junto à sólida comunidade judaica de Alexandria, a qual embora helenizada, não abandonou os ensinamentos da Torá.

Conclusivamente, o emprego de Serápis, como agente legitimador do poder dos soberanos Ptolomeus e romanos, só atingiu o tecido social etnicamente politeísta do Egito pós-faraônico (helenístico e romano), a saber: os já supracitados egípcios de origem, os gregos e os romanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Documentação:

BAKHOUM, Soheir. Dieux Égyptiens à Alexandrie sous les Antonins: Recherches numismatiques et historiques. Paris: CNRS Éditions, 1999.

Bibliografia:

BAKHOUM, Soheir. Dieux Égyptiens à Alexandrie sous les Antonins: Recherches numismatiques et historiques. Paris: CNRS Éditions, 1999.⁷¹

DUNAND, Françoise e ZIVIE-COCHE, Christiane. Dieux et Hommes en Égypte - 3000 av. J.-C. – 395 apr. J.-C.: Anthropologie religieuse. Paris : Armand Colin Éditeur, 1991.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. O Mundo Antigo: Economia e Sociedade (Grécia e Roma). São Paulo: Brasiliense, 2009.

HUSSON, Geneviève e VALBELLE, Dominique. L' État et les Institutions en Égypte des Premiers Pharaons aux Empereurs Romains. Paris : Armand Colin Éditeur, 1992.

LIDDELL, H. G., SCOTT⁷². An Intermediate Greek-English Lexicon. Oxford: Oxford University Press, 1997.

PAUL, André. O Judaísmo Tardio – História Política. São Paulo: Paulinas, 1983.

⁷¹ Esta obra encontra-se tanto no tópico “Documentação” quanto no item “Bibliografia”, já que ela não só contém as iconografias numismáticas e suas respectivas descrições, portanto são o *corpus* documental deste artigo, bem como nesta mesma há trechos relevantes e explicativos quanto ao deus Serápis e à questão da ideologia e da propaganda imperiais, temas desenvolvidos por sua própria autora e também no prefácio, pelo Professor André Laronde.

⁷² Na referência bibliográfica deste dicionário não é citado o prenome de seu segundo autor, cujo sobrenome é SCOTT.